

Brasília, a capital ainda inacabada

Faltou concluir partes importantes do projeto, aquelas que dariam vida e movimento às ruas nesses 43 anos

CAROLINA NOGUEIRA
REPÓRTER DO JB

Das críticas que são feitas a Brasília pelos milhares de migrantes que chegam todos os anos para viver na capital, nenhuma dói mais no coração de um genuíno brasileiro do que a reclamação de que a cidade não tem gente nas ruas. Dizem que a cidade é fria, que as pessoas não se encontram, não se falam. Em pouco tempo, estão falando mal dos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, criadores por excelência da capital, acusando-os de socialistas de araque, de terem projetado a cidade pensando na desagregação dos moradores. Mal sabem esses críticos, no entanto, que a culpa pela "falta de vida" nas ruas da cidade está bem longe das pranchetas de desenho dos dois arquitetos. Ao contrário do que se vê no coração da capital que chega hoje aos 43 anos de idade, a cidade foi concebida para ter pedestres nas ruas, integração entre todos os prédios, espaços de convivência espalhados em todos os cantos. Se isso não virou realidade, não foi por culpa de seus criadores. Mas dos executores que administraram a capital.

Os arquitetos especializados em Brasília explicam que a capacidade de integrar as pessoas pelas ruas tem um nome técnico: Escala gregária. Das quatro escalas fundamentais da construção do Plano Piloto, idealizadas por Lúcio Costa, esta é a que menos saiu do papel.

A Escala gregária é a responsável pela integração entre a Escala Monumental, dos palácios, e a Escala residencial, da vida cotidiana das pessoas. É nela que está a previsão dos passeios públicos, das passarelas, das marquises de integração. E foi ela a que menos foi executada – explica o superintendente regional do Iphan, Cláudio Queiroz, que trabalhou por mais de dez anos com Oscar Niemeyer. O quarto apoio do projeto está na Escala Bucólica, responsável pela arborização e pela cara de cidade-parque que a capital conseguiu implementar.

A agregação das pessoas pelas ruas da cidade aparece desde o Relatório do Plano Piloto de Brasília, documento primeiro de criação da cidade com o qual Lúcio Costa participou do concurso público

que culminou na escolha do atual projeto da cidade. O urbanista descreveu a Esplanada dos Ministérios como um "extenso gramado destinado a pedestres, paradas e desfiles, onde foram dispostos os ministérios e autarquias". Desde seu primeiro esboço, ele previu a construção de marquises aéreas nos ministérios, na altura do primeiro andar, interligando toda a Esplanada – facilitando a comunicação entre os prédios e a circulação de pessoas.

Sobre as marquises, havia a previsão de pequenos comércios, lojinhas e cafés que hoje nós vemos instalados irregularmente entre os estacionamentos dos ministérios. Você vê que esta necessidade já estava prevista no plano original – explica o presidente nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), Haroldo Pinheiro.

Esta não era a única comunicação prevista pelos arquitetos. Entre o Conic e o Conjunto Nacional, no Setor de Diversões, também havia a

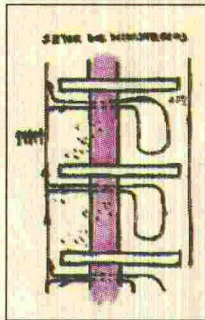
"Nas marquises dos ministérios, teriam lojinhas"

previsão de uma comunicação aérea, em uma marquise coberta, que jamais foi construída. Para aquela região, aliás, Lúcio Costa reservou um sonho ambicioso de que se tornasse como "uma mistura em termos adequados da Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées". No prédio onde hoje funciona um quase inútil posto do Touring, era prevista a construção de uma luxuosa casa de chá e "várias casas de espetáculo que estarão ligadas entre si por travessas do gênero tradicional da Rua do Ouvidor", no Rio de Janeiro.

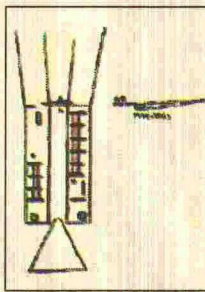
Outro ponto destacado pelos arquitetos é a importância que o projeto atribuía às passarelas subterrâneas entre as quadras 100 e 200, na Asa Sul e na Asa Norte.

Ali dentro deveriam ter sido instaladas lojinhas de serviço, sapateiros, chaveiros, estações de saque de bancos, garantindo uma circulação que também daria segurança para os pedestres no local – explica Cláudio Queiroz. A mesma comunicação estava prevista para acontecer entre os setores hoteleiros Sul e Norte, em um grande complexo subterrâneo de lojas que passaria pela Torre de TV.

Ao contrário do que muitos pensam e reclamam, no detalhamento do projeto urbanís-



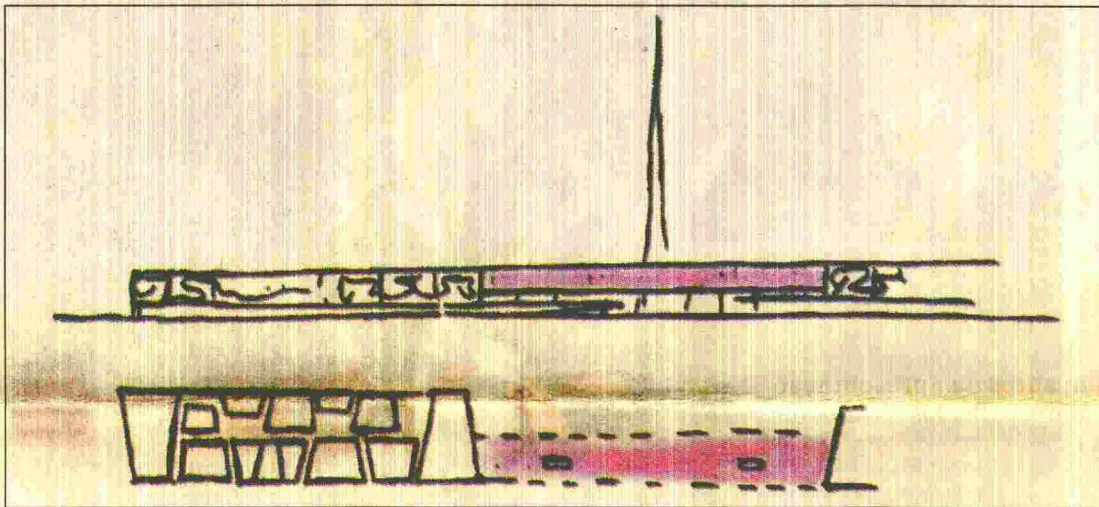
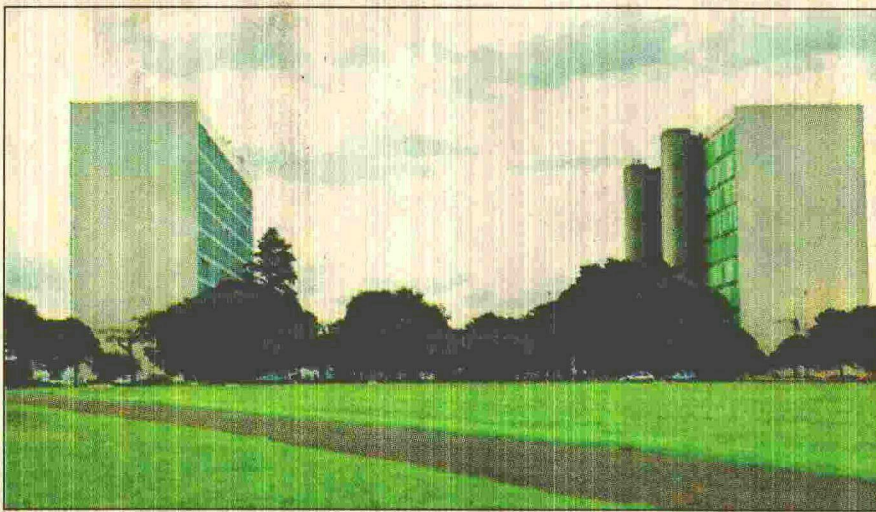
Croqui de Lúcio Costa: Passarela entre os ministérios.



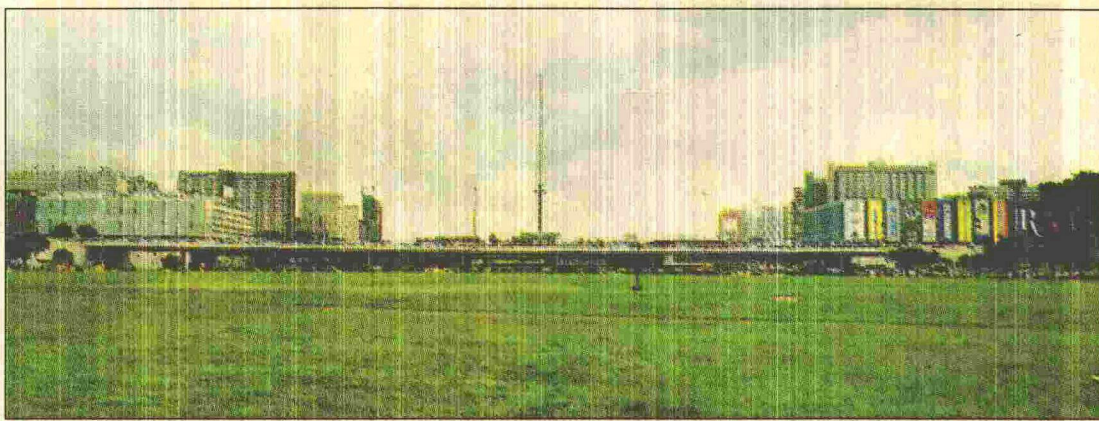
Na Esplanada, a previsão nunca realizada de passarelas



Adriano Machado/BGPress



Outro croqui revela a previsão de uma passarela aérea entre o Conic e o Conjunto Nacional



tico de Lúcio Costa, tocado pelo arquiteto Sérgio Porto e pelo engenheiro Augusto Guimarães Filho, havia ainda a previsão de construção de passeios públicos iluminados nas vias principais da cidade, que permitiriam a circulação ao longo dos eixos.

A rede de calçadas seria toda articulada com as passa-

gens subterrâneas, complementando a circulação. Sob o solo o pedestre atravessa os eixos e pelas calçadas ele caminha ao longo dos eixos – explica Queiroz.

Outra obra inacabada que já virou mito na capital é a organização das superquadras em Unidades de Vizinhança. No relatório, as quadras são

descritas como agrupadas de quatro em quatro: "na confluência das quatro quadras localizou-se a igreja do bairro, e aos fundos dela, as escolas secundárias, ao passo que na parte da faixa de serviço fronteira à rodovia se previu o cinema, ficando a extensa área livre destinada ao clube da juventude, com campo de jogos

e recreio". Deste sonho de convívio, apenas o complexo da 108 Sul – com a Igrejinha, o Clube de Vizinhança, a Escola-Parque e o Cine Brasília – foi concretizado.

Já que todo este desenho está pronto e é obviamente necessário para a agregação da população da cidade, surge então a pergunta: por que isso nunca saiu do papel?

Porque em arquitetura como na política, existe o que é fundamental, o que é importante e o que é secundário. E até hoje, no desenvolvimento de Brasília, a Escala Gregária tem sido considerada secundária – explica Queiroz.

Falta de dinheiro e de vontade política. Como em tudo que é obra pública, o dinheiro é canalizado sempre para aquilo que é mais visível – completa Pinheiro.

Por enquanto, ambos concordam, tem sido mais importante para os governantes que passaram pelo Distrito Federal a finalização da Escala Monumental da capital – dos grandes prédios e palácios, a estrutura moderna pela qual a cidade tornou-se conhecida mundialmente. O atual governo do Distrito Federal, por exemplo, tem tratado como fundamental a conclusão da Esplanada dos Ministérios, com a construção do Conjunto Cultural da República: o Museu e a Biblioteca Nacional, que serão erguidos naquela região onde funcionava o Gran Circo Lar.

Os dois centros culturais devem mesmo ser prioridade. Sem eles, a Esplanada dos Ministérios é um grande sorriso banguela, sem os dois dentes da frente – compara Cláudio Queiroz. Para ele, a agregação dos moradores da cidade é algo que virá em seguida.

Essas coisas estão por vir e vão vir. A partir do momento que os pontos fundamentais vão sendo finalizados, essa agregação vai sendo cada vez mais exigida, e o poder público não vai ter escolha senão realizar esta finalização – acredita.

Para Queiroz, que já foi seguidor de Niemeyer, os próprios artistas esperavam que fosse assim, no passo da história, que acontecesse a finalização da capital idealizada na prancheta dos arquitetos. Como a misteriosa sinfonia de Schubert, talvez Brasília não seria tão bonita se não fosse uma obra eternamente inacabada.

caroln@jb.com.br